

*MADEIRA
ESCRITA
A MÃO*



*Carlos
Rodrigues
Brandão*

Essa madeira escrita a mão

Aqui estão reunidos alguns poemas meus incluídos ou não em livros já publicados, entre escritos avulsos. A maior parte deles foram criados em alguma viagem ou em algum lugar longe de casa.

Até hoje me espanta (mas não tanto quanto antes) o fato de que eu escrevo a minha poesia bem mais em um avião ou numa pousada de beira de caminho do que em minha própria casa. Mas bem sei que o mesmo acontecia com outros vários poetas de agora e de outros tempos.

Assim, como de costume, na maioria das vezes aqui estão poemas rabiscados em cadernos de campo, livretos de viagens, agendas, papéis esparsos e folhas de livros de poesia que me acompanhavam.

Foi com uma querida e inesperada felicidade que aqui e ali, em diferentes tempos e lugares eu fui redescobrendo poemas e outros escritos espalhados por tão diversos papéis.

Alguns poemas estão em outros livros publicados ou espalhados ao acaso em pequenas outras coletâneas.

Rosa dos Ventos
Primavera de 2017

De bota e bombacha

No balanço onde balança
O menino que eu fui
Me olha de bombachas
E de botas me sorri.
Ele dobra uma perna
E quase a outra
Para caber no balanço
Que como eu envelhece
Na foto e na mangueira.
O menino que eu fui
Chamado: Carlos
Tinha um suéter vermelho
Com listras brancas.
Ele me olha e sorri
Como quem diz, e eu ouço:
- Vamos! A vida vale a pena!
De bota e de bombachas
Na sombra da mangueira
Ele me chama e grita:
- sobe, ainda cabe um!
Salto no balanço e fecho os olhos
E quando abro só há o balanço
E as sombra a mangueira
Na manhã de Itatiaia..
Pra onde ele foi? Pra onde eu fui?
Ele era eu? E agora, quem eu fui?

DA JANELA DE UM TREM
idades entre São Paulo e Uberlândia

Jundiaí

Há sapos em festa
no escuro da noite
cantando nos charcos
de Jundiaí.

São Simão

Quando no campo
onde semeia e colhe
a noite pastoreia as estrelas
qual delas clareia a noite
da cidade-vila de São Simão?

Aramina

Essa cidade menina
Na beira de trem e vida:
Aramina.
Na beira de riacho e trem
coisas pequenas, pequeninas
e longe do que é grande
do Rio Grande
de sua ponte sobre água fina
a cidade vê o passar do trem
e a sua sina
de se pequena, pequenina
Aramina.

Buriti

Mas as menores coisas
estão em Buriti:
mangueiras velhas
e a ruína antiga
de um muro de pedras
que mãos negras
levantaram um dia
antes do trem de Minas
e seu passar sem pressa
por aqui, por Buriti.

Anil

Menor ainda
É a estação de Anil.
Ninguém na janela
(nem um gato, uma velha
um vaso de violeta
um par de pardais)
na mínima única casa
da estação de Anil.

O errante

E no alto a cruz, no alto
me diz o que vaga
em minha alma
e semeia em mim
o ardor de navegar.
E vou, e sou e sei
que de Deus a eterna calma
só encontra quem foi
para um dia não voltar.

*Com Fernando Pessoa
Em um dos poemas de Mensagem*

O silêncio

Guardo para te dizer um dia
a palavra nunca dita.
No silêncio semeio o seu segredo
e me revelo a ti de não saber, eu mesmo
o que tenho a te dizer e calo ainda.

Beira rio

Minha alma, meu silêncio
caminhas agora, na beira de um rio verde
e vou contigo e te guio, passo a passo,
e choveu e ventou e agora há sol
e juntos estamos inteiros na espera
de um outro dia acaso. Um outro rio.
Uma outra tarde, como agora.

Soneto

Bastou que o sol da tarde se escondesse
Ah! Tempo quente mas de cores frias
E bastava que um pouco ainda chovesse
Para eu saber que habitava um dos teus dias

E caminhava sem saber o quanto guias
Não só os pés e os passos, mas o rumo, esse
Por onde quando chegas, tempo nem sabias
Que é tanto o medo de que em ti eu me perdesse

Habitante que fui de um pouso à tarde
Onde aprendi que viajando dentro das horas
Não sei se chove ao não saber que o sol não arde

E entre pontas de luz e a sombra da asa
Em que voas, dia, enquanto partes e demoras
Em me seres mais que um tempo, a minha casa.

Viajando entre lugares
Agosto de 1973

Deixai-me voltar para casa

Deixai-me voltar para casa.
Deixai-me voltar para a minha casa.
Já andei por todos os caminhos
Que um dia me foram destinados.
De muitas fontes de água eu bebi a água
E bebi com outros o vinho de infinitos gestos.
Fiz amigos em tantas línguas
E em quantas camas despejei o corpo
E entre o sono e o silêncio adormeci.
Agora anseio apenas pelo caminho da volta.
Entre todos os que eu percorri
Este caminho é o mais fácil e mais distante
Porque ele vai de onde eu fui
Até o lugar sem nome de onde eu vim.
Não me lembro de onde vim
Mas é este o lugar para onde sonho
Da direção dos passos e dos cantos
Que ainda sei cantar quando caminho.
E assim quero voltar à minha casa
Até quando chegue a hora de partir de novo
Da viagem ao lugar da última casa.

Extrema, no sul de Minas Gerais

21 de outubro de 1991

*Escrito e com data na contra-capa de um livro de poesia de Anna
Akhmátova, com este fragmento na última página:*

Talvez não seja
Mais o tempo dos corpos
Pois o outono deles
É a primavera do espírito.

a tarde, a noite

Escuta: os tardos bois da tarde
amanham grãos de março
e sobre um monte onde há vozes
voam três aves e anoitece.
O escuro cai e faz o frio de maio.
Troveja longe e um raio rasga um véu
feito de orvalho e sonhos de menino.
Há uma lembrança ontem esquecida
de ser lembrada para sempre numa noite
como esta, e sobre o corpo do campo
algo de um rosto antigo paira
como a pesada pessoa de um morto.

No campo, quando

A foice cortava anteontem
o que não era prado e nem a festa
no alqueire verde do chão.
Não há um sino que redobre
nesses altos ermos de sertão.
Mas às seis horas da tarde
algumas mulheres velhas
cessam ofícios de forno e de fogão
e abraçam não sei que nome
como o de um filho ou de um deus.
A noite cai por onde quer
e para florirem os pés de ipês
com a cor de alma e a cor da sombra
a lua e as estrelas hoje esperam
fogões apagados, cinzas, cinzas
e o morno sono das chaminés.

*Pretos de Baixo
Joanópolis
fevereiro de 1993*

inventário

Seco, sem ares e vivo de vida
o que é igual ao que não era azula
e no escuro do escuro do que existe
cresce no altar do tempo a ara do tempo
e sobre o solo da alma a água apruma
o seu se ir de rio em rio caminho afora
como essas águas de maio no sertão.
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro
acende o céu e o céu aclara a noite clara
e é cada estrela como a espera de outra
e o sol da luz lembra ao olhar do homem
que uma vela só clareia o mundo inteiro.

nem pão, nem flor

Nada tenho que te dê:
nem pão nem flor
e esse agosto de um mar ao longe
nos devolve, amiga, a dor
de havermos saído do silêncio
sem saber cantar a deus e ao mal.
Mas se uma estranha memória me devolve o mar
não sei porque estas rosas de julho
não floriram ainda e nem porque
Este vulcão do México se cobriu de nada e silencia.
Não sei, não somos e o silêncio passa
sem ser no entanto nada, agora e antes.
Lemos palavras que outros escreveram
aqui, neste livro velho de receitas
soletramos vogais mas bem sabemos
que a vida se escapa destes signos
e fechado o livro nós esquecemos
o que houve e quem somos nós em agosto.

*Poema escrito em uma última página de um livro cujo nome esqueci.
Deve ter sido no México DF, pelas indicações de um endereço acima*

O recado

Ah! morte, quando tu venhas
me avisa pelo correio,
para que eu acenda velas
e ponha vinho na mesa.

Convém cantar cançõezinhas
enquanto a noite não chega.
em uma o teu corpo é a lua
e na outra a tua alma esteja.

Numa havia três duendes
na outra um anão e um camelo.
mas se não havia ninguém
como vi teu rosto no espelho?

Lembrei então três estórias
entre flor e vela acesa:
em duas tu eras pastora
e na terceira, princesa.

Oh! morte, quando tu venhas
põe flor e vinho na mesa.
Acende velas e espera
que eu chego pelo correio.

Petrignano di Assisi
1992

Os dias

São sementes os dias.
No chão do tempo alguém enterra o grão
E como o milho o dia brota com o sol.
E olhas o relógio e não as folhas verdes.
Quem era aquele que passou ali, agora?
Não sabes e olhas o relógio e dizes:
“o tempo passa”. E ele se foi. Passou
e poderia ser o Buda ou o Cristo.
Passa o tempo, mas como o milho
um dia o fruto amadurece.
E isto é sempre. E é agora!

Um pequeno animal de penas

Não quero chamar “morte”
ao que seja isto, agora.
O pequeno animal de penas
desistiu do voo
e pousou sua mínima sombra
em um canto do caminho.
O olhar atrás das pupilas
já não espia mais os grilos.
Ele adormece e é sem sonhos.
e a floresta enfim silencia.
Uma outra vida se apossa de seu corpo
e alimenta com ele uma outra vida.

*Na folha final do livro El bosque transparente
De Angel Crespo
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*

Há horas como esta

Um grão da chuva na folha caída, no outono.
Na folha seca caída um maio inteiro adormece.
há horas como esta em que tudo alimenta a alma
que caminha como se pudesse ver no vento
o rosto de algum ser de mito e de magia.
Sobre o galho de um Angelim e não em uma nuvem
um anjo quando dorme e esquece por um instante
ser eterno e como o homem, sonha.
E ébrio do sonho deste instante, sonha ser humano.

Na folha final do mesmo livro

De Angel Crespo

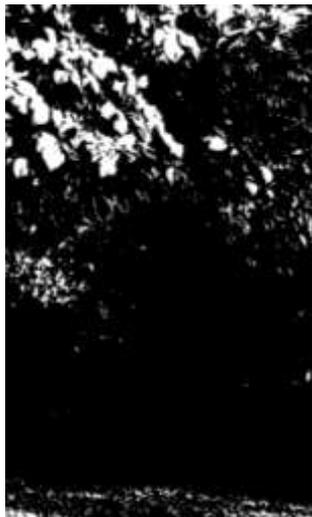
No mesmo voo de São Paulo a Madrid em 1999

Ali, na beira da estrada

Como era o tempo de amoras maduras
havia na beira da estrada uma mulher
e um vestido negro, as sandálias gastas
e um par de brincos de pedras falsas
comprados na feira de domingo. E um olhar,
Como direi? Um olhar de quem espera a custo
a cada tarde a volta de um alguém vindo de longe.
E ela amassava nas mãos uma folha seca
e o pequeno estalido entre as mãos
era na tarde das seis horas tudo o que se ouvia.
Quando eu passei, como quem disfarça ela me saudou
e antes que eu respondesse com um aceno, disse:
Ele não veio e não virá nem amanhã nem nunca.
Mas, veja, eu espero aqui a cada tarde, como agora,
Porque, se eu esperar, é como se ele tivesse vindo...

Um pouco de areia

Quando venhas um dia
trás nas mãos um pouco de areia
e um punhado de sal.
A água eu tenho e o pão.
mas se trouxeres também vinho
celebraremos aos deuses
como é devido.



Fiblos

Fiblos, um viajante
iluminado de haver visto
veio até aqui dizer estas palavras:
Viajar é ontem.
Não fui a parte alguma.
Longe é minha casa, vejam,
e o mundo é pouco.
Sempre se vai de onde já se veio
a única viagem é a volta.

Quem pela estrada vinha

Era um tempo quando fui agora
e que quando eu caminhava havia
em cada curva da estrada a estrada inteira
e na sua beira uma árvore encantada, creio.
Quem pela estrada vinha e nela andava
e cansado de andar pousava o corpo
sob a sombra da árvore, e repousava
sob a sombra dela, adormecia
e sob a sombra da árvore se assombrava.

Algumas velhas, alguns fios

Era o tempo do ouro. Era novembro.
Algumas folhas secas o vento esparramava
entre ruas sem nome e o fundo de quintais.
De onde vinha a noite algumas velhas
à luz da vela uma toalha entreteciam.
Eram de rugas as mãos, cabelos prata,
e os olhos pequenos o que eles viam?
As bocas sem dentes mal sorriam,
e se elas se olhavam, não falavam
empenhadas em tecer o que teciam.

Um suave tremor nos campos musicava
o que não sei se é pranto, salmodia,
ou fim de festa, baile ou batizado
entre pão de mel, tapioca e vinho tinto
que na dispensa guardavam e não bebiam.
Mas era delas que os traços do bordado
de sete cores e mil pontos de arte-e-linha
palmo a palmo sobre o pano aconteciam.

João Bá

Duende e mago
menino e músico
baiano com ar de carioca
cantava pra manhã
às cinco horas
quando mal o sol nascia
no Sul de Minas.
Comia café com tapioca
solfejava ao Sol
em **sol maior**,
e em **si** silenciava
o céu do dia.

De longe, em **lá**
de lá se vinha.
E a quem partia
em **fá** falava “adeus”,
e em **dó e ré**
soletrava e repetia
as canções-macunaíma
que de noite ele inventava
e manhã cedo ele esquecia.

De **repente** parecia
que ia embora
Mas não se foi e disse:
Ainda falta cantar
o que eu já cantei
a vida longa e inteira
e pelo rio da vida afora.
E ainda falta inventar
o que eu, menino-passarinho,
ainda não poetei até agora.

Quem?

O que nós somos?
Quem diz o ser
de quem pensa ser?
Somos quem somos
ou são os outros
que de nós mesmo
nos dizem: “eles”?
Somos areia
e cabe ao vento
dizer quem somos?
Somos quem fomos
e fomos quem?
E se nem somos
somos ninguém?

Quem?

dois

O que nós somos?
Quem pensa o Ser
Que sonha ser?
Somos quem somos
Ou são os outros
Quem dizem: “nós”.
Somos areia
Que ao vento vai
E cabe ao vento
Dizer quem somos?
Somos quem fomos?
E houve um ontem?
E fomos quem?
E quando somos?
E se nem somos
Quem foi alguém
Quem fomos? Quando?
E agora enfim
somos ninguém?

E hoje quando é tempo agora

“Combati o bom combate”.

Combati?

Vaguei mil dias e mares sete vezes

e sete vezes entre trilhas me perdi.

E hoje, quando é tempo agora

de medir em braças o que eu vivi

vejo que viajei pela vida, vida afora,

sem sair da rua onde eu nasci.

Capela na mata

De pedra, uma capela
ali na floresta, como a pedra
sob a sombra de uma cruz de Cedro
que mal o sol de maio roça,
plantada, como a árvore ao lado
de pedra uma capela
espera a noite e um deus.
Da copa de um Angico acima
cai, como a noite, escura
uma semente madura,
promessa de fruta caída cedo
sobre o teto de telhas da capela.
É ela nada, ou um deus?

O lavrador

Acolhe entre o tronco e o braço
o cabo liso da enxada,
e curvado sobre a terra escura
com as duas mãos
dissolve grãos de terra.
Os dedos amassam e quebram torrões
e em grãos ele devolve à terra a terra.
Ali, no sulco arado a suor e aço
ele atira três sementes a cada passo
e com os pés recobre com terra
o que depois da chuva será vida.
No fim do sulco ele pousa no ombro a enxada
e volta ao rancho e lava as mãos e o rosto.
Não na porta do rancho beija a esposa.
Silencia as palavras de quem chega.
E se olham em silêncio e não se abraçam .
E em silêncio se falam e dizem tudo
entre gestos de não-dizer, como se em prece.

Deus?

Chamei teu nome, Deus,
chamei o teu nome
e no silêncio da noite
o vento respondeu com o vento.
A noite foi o desenho de teu rosto
e eu quis tocá-lo e toquei o meu.
Se foi assim, é porque não és
ou será porque estás em mim
que ouvindo o vento
ainda não te ouço
e assustado, ouço a mim?

No trem, até Burgos

Não é porque esta tarde traga
 Algo do inesperado canto de um passarinho
 E nem porque no ar, além janelas
 Haja um último calor antes do outono.
 E nem porque, vindo do anil do céu
 Haja em volta dos pinheiros aquela aura
 De quando já é inverno, e já dezembro
 E a saudade de Deus esquece o sono
 E nem porque em Ávila haja muralhas
 Frágeis demais para os ataques da alma ou do vento
 E em estórias de fadas ou de meigas
 Nessa hora do dia nem se pensa.
 É só porque o corpo viaja manso
 E esquece os seus pesares, e sonolento
 Lembra de si mesmo em outro tempo.
 É porque ele sonha, e ele sonha
 É com os olhos abertos, bem atentos.
 E eu me assusto de mim. Existo?
 Penso? Não sei, sei que viajo
 E volto à casa, e peregrino
 A casa é qualquer canto onde eu me sento.
 Um ciclo do ano cessa todo o dia
 E o fim do ano foi ontem e é hoje ainda,
 Dia dezessete de setembro
 Cinco antes do Equinócio e do solúço
 Com que as águas se despedem do verão.

No trem, entre Madrid e Burgos
17 de setembro de 1994

Canção de outono – vésperas

Claro,
Você pode comer a carcaça de um coelho
E dizer que não faz isto por gosto,
Mas para deixar vivo um rito de ancestrais
Desaparecidos antes da última glaciação
E cujos rituais de comunhão com a terra
Através do sacrifício de seus bichos
É uma das melhores heranças que eles nos deixaram.
Nós, herdeiros e guardiões da memória
E dos gestos como este, agora:
Beber o vinho com olhos de surpresa
(ninguém bebe vinho sem espanto!)
E comer bocados de carne com batatas.
Mortos os homens, ficam os ritos
E se não subimos mais altas montanhas
Para sacrificar ao deus um filho ou um cabrito
E se nem mesmo mais aos nossos mortos
Levamos vasilha de arroz,
água de cheiro e pétalas de flores
Então que se saiba ao menos isto:
Como trocar para celebrações assim a roupa
De plantar margaridas no jardim
Vestes de cores claras, para os gestos da mesa?
Como acender para os mortos as velas
Antes guardadas para os dias santos?

Como trazer em baixelas as carnes partidas
De bichos cujos rosto nunca vimos
E, às vezes sequer sabemos do que são
- isto é carneiro? Não, ah! É coelho!?
Hábitos noturnos, segredos dos lábios e dos genes,
Maneira simples de fazer o amor
Medos da noite, do odor da fera.
Segredos, amigos, impressos no livro da espécie
Cujo estranho código jamais decifraremos.
Depois limpamos a boca com o guardanapo
E comemos empada e compota de laranja.
O café já não é como antes, mas serve.
E estirados na cama iludimos a vida
Com o melhor do sono: o esquecimento

*No trem, entre Paris e Bruxelas
18 de setembro de 1994*

Agora, a noite

Agora é a noite
e o lampião aceso sobre a mesa
ofende o escuro, a cor da noite.
Estendido num banco um corpo dorme.
se ele é teu, acorda-o.
Ainda é tempo!

Gonçalo, o santo
(em Portugal)

Aqui São Gonçalo bispo.
Austero homem de mitra e báculo.
E ele jaz de alma e túnica
num túmulo de pedra.
A mão sobre o peito é escura
de tanto outras mãos roçarem
piedosas, à espera de um milagre,
O santo dorme e sonha.
E chora de saudade da viola.

Pretos de Baixo
Quando?

Valença do Minho

Não perguntes aos astros pelo destino.
Não voltes o anseio do olhar aos céus
e nem espere de Aquário a resposta.
A lenta corrente azul do Minho te dirá.
Pergunta às águas vindas da Espanha
sobre os segredos dos sonhos de ontem,
sobre o que depois da curva o rio e a vida
espreitam no outono para ti.

Observa depois o cair das folhas secas
do olmo, da faia e do loureiro.
Também por um breve instante
elas desenham no chão astros e constelações.
Busca no seu desenho sutil o teu destino.
Que magos de longas túnicas saberiam dizer-te
o que as cegonhas em seus voos sabem?
Mais do que nos astros do céu de junho
olha no chão a marca dos teus passos.
Ali está escrito o teu destino.

*Pretos de Baixo**15 de fevereiro, 1993*

Tui

Não tenho de eu nem uma mala.
Se fui dono de um cavalo já faz tempo
e esqueço a última vez em que entre os dedos
machuquei uvas e comi torresmos.
Recomeço e estou pouco menos do que nu.
a aragem da noite é quem me cobre
e sou tão pobre que até nos sonhos
vou por aí, só, de mãos vazias.
No entanto um temporal arrancou
do rancho de taipas o meu telhado.
Ganhei um céu todo estrelado.

*As duas últimas estrofes estavam escritas em um muro em São Paulo
Pretos de Baixo
15 de fevereiro de 1993*

*Spello**Uma pequena igreja românica*

As pedras não formam a abóbada
E nem no altar há santos.
Nada é de ouro e nada brilha.
O silêncio pede rostos arrancados da pedra.
Houve um tempo em que se sabia
Que a alma não é o espírito.

*Pretos de Baixo**25 de fevereiro de 1993**Nos Alpes*

Havia ovelhas
Naquele prado alto e a noite
Escureceu o rosto de uma velha
Que sentada na varanda
Tricotava um novelo de lã cinza.
Ao vê-la tricotar, o tempo passa
E quais ovelhas pastarão aqui
Quando a velha tricotar
Além das nuvens
O seu novelo de lã, agora branca.

De noite, quando a lua veio

Parecia morrer e não morria.
Com as mãos cobria o rosto e até sorria
o homem que deitado na calçada
a um jardim em flor se parecia.
Deitado de bruços e dormindo
viajava como quem pela estrada lá se ia
neste domingo sereno às seis e meia
quando já é a noite e ainda é dia.
Sozinho, esse homem solitário
de repente acorda e abre os olhos
e sem saber que de longe eu o espio
era só ele quem na rua poetava
e festejava a lua que nascia.

Três pequenos poemas que o acaso cria

Como quem serena
E vai embora
A árvore que vai brotar.
Quem sabe quando?

Como lençol, alva
a noite vai
E apaga a lua.
Voa uma pomba
e acorda a rua.

A rã no brejo
se coaxa.
A noite apaga
o facho
e o dia nasce.

Dez haicais ao acaso

Saída do arco
A seta voava.
Árduo caminho largo.

Sombra,
quem te aclara
quando o dia acaba?

Respira o lago inteiro
no nariz da rã
que espia a noite

A ema voa ao vento
e vai o vento
no voar da ema.

Quando escurece
no alto brilha Antares
e anoitece.

Um leve sopro
no capim-gordura.
Maio chegou!

Vinda do sul
canta na Araucária
a Gralha Azul.

Livre
é a gora d'água
quando cai.

De onde veio o vento
que ventou agora
e foi embora?

Pousando

Inadvertidamente
como um colibri
que enfim pousa aqui.

*Em alguma página de inéditos e dispersos,
De Ana Cristina César*

Sul de Minas

Onde é o Sul quando a terra quase acaba
mas ainda há Sul depois do Sul
quando as montanhas descem para o vale
e depois do vale há vale ainda.
No Sul de Minas o que é plano fica longe
e depois de um morro sempre há outro morro
e as estradas aprendem com os passarinhos
a subir em voos e a descer aos ninhos
dos lugarejos sem fim do fim do Sul de Minas.
Vinda das planuras dos seus nortes
Minas aqui não anda, sobre e desce
e voa e sonha alto o céu do mar de Minas.

Arte poética

Olhar o rio feito de tempo e água
e recordar que o tempo é um outro rio.
Saber que perdemos como o rio
o que os rostos pensam como água.

Sentir que a vigília é o outro sonho
que sonha não sonhar, e que a morte
que tanto teme a nossa carne é essa morte
de cada noite, assim chamada: sono.

Ver em cada dia ou ano um símbolo
dos dias do homem e de seus anos
e converter o ultraje de seus tempos
em uma música, um rumor e um símbolo.

Ver na morte um sono e no ocaso
um ouro triste, e assim é a poesia
que é pobre e imortal. E a poesia
volta como a aurora volta e volta o ocaso.

Às vezes, nas tardes uma casa
nos olha desde o fundo de um espelho.
A arte deve ser como esse espelho
Que nos revela a nossa própria casa.

Contam que Ulisses, cansado de prodígios
chorou de amor ao divisar sua Ítaca
de verde eternidade, não de prodígios.
Verde e humilde, a arte é essa Ítaca

e é também um rio interminável
que passa e fica e é cristal de um igual
Heráclito inconstante, que é o mesmo e é outro
assim como um outro rio interminável.

Com Jorge Luís Borges
(claro)

Borges

Será (me digo então) que de algum modo
secreto e suficiente a alma sabe
que é imortal e que seu vasto e grave
círculo abarca tudo e tudo pode
e para além deste afã e deste verso
me aguarda inesgotável o universo.

*Composición escrita em um exemplar de la
Gesta de Beowulf – 225*

Longe

Desceu a noite como um rio do Norte
um lento rio gelado da Galícia
um rio de mansas águas, rio de almas
de vidas de aldeia e o tear de seu tecido
como águas de viagens da vida rio abaixo
onde as cinzas dos mortos salvam os céus.
Rio distante e de águas azuladas
casa de peixes e de deuses, rio de sedas
rio de falas em, sânscrito, rio da Índia.
Govinda viaja moço nessas águas
E voa e voa sobre o corpo azul do rio.
Mais o milagre é Gandhi. Venham, vejam:
Ele mergulha as mãos e tira o sal
Como um dia no mar, um dia antigo
Quando um gesto criou um povo livre.
E o sol viaja a Oeste, barqueiro de Sidarta
e a noite como a virgem vem coberta
de sete véus de sete cores vivas
e estende a cama no leito azul do rio.
Alguém diz três nomes como em prece
e as estrelas da Índia clareiam de novo
o corpo de águas e mortos de saudade.
Monge de abril, o rio abraça a noite
E alguém atiza o fogo e acende a lua.

*9 de fevereiro (quando?)
(onde?)*

o ar de agora

Sairei hoje cedo pelo campo
poeta do verde e da chuva
respirando o ar que a manhã venta.
Responde o amigo – o do consumo:
companheiro de vida, não se iluda
o ar que você respira hoje em dia
está cheio de estrôncio noventa.

1975

(achado num caderno de viagem)



o milagre do fogo

parecem coisa tão rara
essas pedras, no entanto gastas,
de que o povo da roça
arranca fogo e fumaça,
o fogo e sua coivara
quando ele acende entre os dedos
um só cigarro de palha,
quando entre as mãos incendieia
seu quinhão de hora vaga.

1975

(achado em um caderno de viagem)

caminhar

Sob os sapatos pretos calcava
pedaços do chão de pedra.
Andava, e de andar ordenava
O mundo por onde ia e ia.
Caminhava em linha reta
E no entanto ia sinuoso
E perdido entre o que pensava:
perdido entre as suas palavras.
E caminhando descobriu enfim
que o chão por onde ia o salvava
de perder-se nas trilhas de si mesmo
e no emaranhado de suas teorias.
Com os pés na terra se livrava
do embaraço de seus outros gestos.
Filosofava: “com os meus passos
desenho sobre o chão o meu caminho
e se caminho sei: eu ando e existo
é essa a certeza: viver e caminhar”.

*1975, em Goiás Velha
(achado em um outro caderno de viagem)*

o começo do dia

primícias de mar
pobres primícias
de uma pobre manhã
de vento e sem o sol.
Uma manhã aqui
aberta entanto
na janela do dia
para o pescador
de volta ao rancho
na manhã de maio
com as mãos vazias
e o rosto amargo
e os seus trastes
de mago e de artesão
na espera de amanhã
de um outro dia
onde haja sol e peixe
e a alegria.

na última folha de uma agenda de 1975

como a sombra

Como a sombra eras, como a sombra
e da noite onde as sombras moram, vinhas
pois é noite ainda e a lua ausente brilha
brilha, amiga, ainda na morada da memória.
E é noite e há apenas noite agora, para que
brilhe, vinda de ti, esta luz imaginada.

*encontrado na última folha de um livro
em duas versões e sem maiores indicações*

Luz

alguém risca um fósforo
e acende a vela
e o bem da noite se acende
neste gesto.

Alguém fez aqui este milagre
e um homem triste bebe
e é triste, encostado
no vidro da janela.

*na última página de **poesias**, e Eugenio Montale*

a vida

tudo valeu, Pablo
tudo sempre vale:
uma vida, a tua
devotada ao amor
e à palavra.
Valeu, amigo
foi como um voo de ave.
E ela partiu, ela voou
de tua ilha a uma outra
onde não sabes
que mar existe, que povo
que poemas.
Resta teu mar e o amor
o povo e a espera
e uma palavra que diga:
“é tempo ainda”.

*na primeira página do últimos poemas (o mar e os sinos)
de Pablo Neruda*

ainda, agora

não obstante tudo
alguma coisa
ainda canta em nós.
Se é Maria ou o mar
a vida ou o vento
é bom não saber.
É bom não perguntar
e ouvir apenas
ainda, agora
enquanto há canto,
o canto e o seu cantar.

*na última página do mesmo livro,
e no final este pedaço meu:
não faz leitura
o chão do sentimento.*

um lugar

Era uma esquina de três ruas em Copacabana.
Havia um poste na curva entre as três ruas
um poste como todos os outros com ferros e fios
mas ele tinha uma base de cimento ao redor
e assim, era o único poste que era também um banco
ali, entre as esquinas de três ruas em Copacabana.
Havia uma árvore; havia mais e quantas eram?
Mas uma, mais próxima do poste e da esquina
derramava um gesto de sombra sobre o banco.
Alguns pardais estavam sempre ali
e se eram os mesmos, só eles saberiam.
E se aninhavam na árvore e justos esperavam
o por-do-sol para cantarem juntos.
Eram poucos os carros e até poucos os passantes,
pois aquela era uma esquina de ruas esquecidas
mesmo sendo três ruas de Copacabana.
E assim, o poste, o banco, a árvore e os pardais
reinavam ali e hoje reinam na lembrança.

*na última folha do antologia poética, de Elizabeth Bishop
da “Ediciones el Tucan de Virginia”.*

poemas aos pedaços, sem título

Não fomos os primeiros e nem os últimos
Outros vieram aqui, eis suas marcas.
A morte ronda ainda este lugar
E o nome do morto esquecido não se esquece.
Ele não é um mártir,
É um homem como apenas
E sobre ele soprem as velas, soprem as velas.

na última folha de um livro de Nelly Sachs

Longe, aqui

Longe. Longe?
Ô que é longe? Onde é o longe?
Aqui é longe e um sol de outono
Na fumaça do canavial incendiado
Vem olhar o seu rosto noutro rosto.
E no lugar onde eles se encontram:
O fogo do céu e o da terra
Ali eles se dizem: aqui é onde.

*numa página do livro **Prosas**, de Mallarmé*

Numa estação de trem

uma blusa branca deixada na estação de Bolonha
pomba fugidia de paz, caída de alguma bolsa.
veste de um corpo, vestígio de um gesto
ou alguma noite de amor interrompida?

Na folha de rosto de Jimenez – poesie d'amore

Trens

Um trem corta a Espanha
E outro, e outro ainda.
E há a névoa e há a brisa
Da noite e do norte.
E era a hora de não chegar mais
E um trem corta a Espanha
E outro mais
E outro mais ainda.

*Na contra capa interior do mesmo livro
Com a data: 11 de fevereiro de 1992*

Destinos

Revisita a poemas de ESTRAVAGÁRIO, de Pablo Neruda.

Eu li este livro e escrevi poemas e fragmentos meus, sobre os de Neruda, ao longo de vôos de avião entre o México DF e Londres em 1982. Depois eu o levei a Manta, no Litoral do Equador, em setembro de 1989.

O que é traduzido de Neruda está em itálico.

Um

Certificados do olho longo e lento
 Inscrições na unha da amêndoa
 E título na erva da manhã.
 Um toco de vela, um de lápis
 uma Rosa dos Ventos, um rosário
 o inventário de nomes em que crer
 um almanaque escrito em língua antiga
 um breviário romano, em livro celta
 e o calendário dos dias de viver.

Página 8

Dois

Se trata que tanto eu vivi
 Que quero viver outro tanto
 E reviver em quem fui,
 quem em deixei em algum canto.

Nunca vivi sem querer
 Viver de novo e agora.
 Nunca custou tanto a vida
 Entre meus lábios de auroras.

Página 11

Três

E chega a morte ao calendário
E de negro tinge o dia e a hora
E o que foi lonjura em céu de maio
É o tempo que cabe num agora.
É o tempo da ceifa e da colheita
Do que é seiva em nós e nos acolhe
Sob o teto da casa da memória.

Página 17

Quatro

A prisão da memória
Amedronta o poeta
Entre três e seis horas
Ele teme o encontro
Entre o pássaro e o tempo
Entre a terra e o retorno
Entre a alma e o animal.
Ele teme o retorno
Outra vez, como sempre
da noite e do vento.

Página 20

Cinco

Guardo para ti essas noivas selvagens
Que haverão de tecer a primavera
E que não conhecem o pranto
Guardo para a noite que te habita
Essas luzes de fogo e de agosto
E murmúrio de um velho bruxo
Sobre os mistérios do mundo.
E mais as flores, o mel, o odor dos campanários
De torres de igrejas onde deus é pombas
E o sopro dos ventos e o rumo da vida.

*Página 25**Seis*

E sou um professor da vida
E da morte, um estudante
E se o que eu sei não lhes serve
Nada eu disse e eu disse tudo.

Página 31

Sete

Como então fosse ontem e eu, pequeno
 Com a mão direita apontava as estrelas
 E segredava entre os dentes os seus nomes.
 E pensava que o poder de soletra-las
 Me fazia grande e eterno como a noite.
 Um momento, um só momento desses
 Salva o homem da morte e do esquecimento.

Página 32

Oito

Mais um pouco e não te veremos
 Lua, irmã, luzeiro da noite escura.
 Mais alguns minutos de vôo ao norte
 E irás sumir atrás da última janela.
 Mais alguns momentos e apenas
 A tua luz de mil velas de festa de aldeia
 Haverá de iluminar a asa do avião.
 Brilha, portanto, como num altar
 Diante da mulher que ora de joelhos
 E como tu, irmã, vestida de branco
 Não sabe mais se crê em um deus
 Ou se o cria só de estar ali de joelhos
 Vestida de branco, atenta e acesa.

*No mesmo voo entre o México e Londres, sobre o oceano
 Na noite de 4 de setembro de 1982.*

Página 36

Nove

Que eles descubram a aurora
Cavando a noite com as duas mãos
E aos seus nomes deem beijos.
Que eles aprendam com as aves
O calendário do outono
E voem como em setembro
As folhas secas ao vento.

Página 39

Dez

Agora, vistos do alto
Enquanto a manhã amanhece
Lugares que conheci vagando
A ponta dos dedos nos mapas.
Lugares reais como a noite
Como os silêncios que agosto
Semeia no coração.
A península do Labrador
Os grandes mares do Norte
ilhas e ilhotas de gelo
Que os ventos do Ártico sopram
E depois com força empurram
Contra os calores do Sul.

Página 43

Onze

Caminhos, eu os encontro
Mais me perdendo que achando
Pois se não me perco, onde
Posso encontrar-me encontrando
Caminhos que por perdidos
Deram em caminhos e encontros.

Página 50

Doze

Como no Chile, beiras do mar
Em Punta de Tralca.
Éramos sérios, salvaríamos o mundo
E dizíamos as palavras pungentes
De quem sabe que vai salvar o mundo.
Mas eu muito me esqueci do que disse
E do que eu ouvi.
Mas nunca irei esquecer o canto triste
O piado marinho daqueles pássaros do Pacífico
Que eram como anjos cheios de luz
E voavam como magos sobre as ondas
E o vento frio do sul.

Página 52

Treze

Enquanto escrevo estou longe
E quando eu volto, parti:
Vou ver se com outras gentes
Acontece assim como a mim.
Se eles são tantos como eu sou
E se comigo parecem.
Quando eu tenha averiguado
Vou saber tão bem as coisas
Que para explicar meus dilemas
Falarei em Geografia.

Página 58

Catorze

Com suas duas geografia
Escritas nas línguas em que falam
Alguns rapazes do Ceilão
Davam berros que ninguém ouvia
Numa esquina em Picadilly Circus.
Os cartazes que ninguém lia
Gritavam contra os tiranos
Que em terras distantes
Bebiam o vinho, gordos e surdos.
Morenos homens, baixos e vestidos de terno
Irmãos do meu silêncio na tarde fria
Que entre brumas nos acolhe de repente
E por um instante nos faz cúmplices.
Porque eram as quatro horas da tarde
E era frio e ventava e ninguém ouvia.
Então parei por momentos na beira da calçada
E num tímido gesto esquivo de estrangeiro
Quis unir aos seus gritos de guerra
A um deus, a um povo, a um quem?
O meu aprisionado grito companheiro.

Quinze

Passou um cachorro e uma monja
As estrelas de Órion e um vaga-lume
Uma semana e um ano e um arco-íris.
Passou o lavrador do oitavo dia
E uma braçada de rosa e açucenas.
Passaram as horas de viver ainda
E mais a soma dos anos esquecidos
Num calendário deixado na estante
Do quarto de uma moça cega
Que não viu nada passar e vive apenas.

Página 68

Dezesseis

E onde estás, vou perguntando
Se os teus olhos desaparecem.
Quanto tarda! Penso e me ofendo
Eu me sinto pobre, tonto e triste
e chegas eras como um brisa
que sopra e soa sobre os laranjais

página 94

dezessete

O Douro que ontem subia azul
 Por serras e aldeias de Portugal
 Desce hoje verde e verdeja os vales
 Carregado do calor de setembro.

Página 108

*Eu viajava de trem por Portugal indo Lamego
 E vindo de Lamego.*

Dezoito

Houve um sábado no mar do Rio
 O sol se escondia entre montes
 E era tarde e era dia ainda.
 Em um lugar de azul e nuvens
 Havia nas províncias do céu
 Dezenas de gaivotas voadoras.
 Pássaros marinhos da alegria.
 As pessoas da tarde comiam
 Porções de pão com cerveja
 E eram, como os pássaros, felizes.
 Porque era sábado e a praia
 Saltimbancava magias
 Que os meninos com pás de plástico
 Nos seus baldes recolhiam.

Página 110

Estaria eu já no Rio de Janeiro?

Dezenove

Entre morrer e não morrer
Me decidi pela viola
E nessa intensa profissão
Meu coração não tem trégua.
Porque ali. Onde menos me esperam
Eu chegarei com minha tralha
para colher o primeiro vinho
Entre os assombros do outono.

Para dizer às flores de abril
Que enfim amanhece e a chuva
Precisa tanto delas como do sol,
Quanto do canto e do amor.
Por isso poeta, sigo nesse ofício
de surpreender a cidade e a vida
Com goles de vinho e vento.

Página em branco, final

Deixei sem saber se este poema nerudiano e de Pablo Neruda ou meu.

De qualquer forma, uma tocante coincidência.

Ontem enviei para a editora o meu livro: as flores de abril.

Hoje as mesmas palavras aparecem de repente em um poema.

Vinte

E esses barcos, como os velhos
 Vieram assentar na areia
 E já não viajam mais.
 Inclinarão o casco e o mastro
 E usam bengalas e chinelas.
 Foram um dia a viagem

E ao sol esquecem de onde partiram
 E quando aportaram aqui.

Página 181, do índice final

Vinte e um

Eu te buscarei a quem amar
 Antes de que já não sejas mais um menino.
 Depois te toca abrir com as mãos a caixa
 E comer os teus sentimentos e o pão.

Tenho rainhas encerradas
 Como abelhas em meu domínio
 E, uma por uma, tu bem verás
 Como elas procuram no vento o bem
 E pranteiam na colmeia o mal
 Para se vestirem de maçãs
 Para voarem entre cerejeiras
 Para palpitem na fumaça.
 Guardo para ti essas noivas selvagens
 Que haverão de tecer a primavera
 De colher entre as frutas, uma de ouro
 E que por isso não conhecem o pranto.

No relógio do campanário
 Esconde-te enquanto desfilam

As iluminuras do amaranto
Entre as últimas filhas da neve,
As perdedoras, as vitoriosas,
As coroadas de amarelo,
As infinitamente obscuras
E algumas, ternas, pausadas
Farão o seu baile transparente
Enquanto outras ardendo passam
Fugazes, como meteoros de luz
De uma luz que se acende sem fogo
Ao rumo de um gesto, um aceno.
Dize-me, qual desejas já, agora
Meio tarde seria tarde demais.
Pois hoje acreditas no que te digo
E amanhã negarás até esta luz.

Hoje sou eu quem fabrica sonhos
E na minha casa de pluma e de pedra
Com uma faca e mais um relógio
Conto eu as nuvens e as ondas
Com o que sei de geometria
E faço crescerem seres sem rumo
Que ainda irão nascer um dia.
O que eu quero é que te queiram
E que não reconheças a morte.

nas páginas em branco finais do livro

vinte e dois

Com nuvens e crepúsculos
Estrelas, marés e centauros
Corrijo todos os dias
A minha rosa-dos-ventos.
Com os objetos da vida
Conselhos, mitos e sonhos
Panelas e veleiros, panos
Todas as noites revejo
Os mapas de meus enganos.

na última (agora sim) página do livro em branco

*vinte e três**revisão do mesmo poema, na mesma página*

Cansaços, vigílias, sonhos
 Panelas, pães e veleiros,
 Todas as noites revejo
 Os mapas de meus inventos.
 Marinheiro aprendiz, reaprendo
 O pulso que freme abaixo
 Da arquitetura dos mares.
 Faz tempo deixei ao leme
 O poder de achar seus rumos
 No itinerário dos ventos.
 Não sei que dia de agosto
 Me faz esquecer pra sempre
 Que a morte é só o convívio
 Do viajante com o porto.

Sem indicação de data, mas na página 175 de
O estravagário, e que é a página final do
Último poema de Neruda, está escrito a mão
O seguinte: chegando a Recife, madrugada de
14 de setembro de 82.

Chegando de Lisboa. Pois no desenho de rumos
Que fiz com a mesma caneta na contra-capla do
Livro, estão assinalados: Campinas/São Paulo/Rio/México/
Inglaterra (e setas indicando três cidades)/Portugal.
E, em Portugal: Lisboa/Porto/Lamego/Alba da Foz
(houve mesmo uma esquecida cidade com este tão lindo
nome: Alba da Foz?)

Acabado de ser revisto e transcrito na manhã de
Dias de muita chuva, na Rosa dos Ventos, em
Seis de janeiro de 2005, aniversário de André e
Festa de Santos Reis.

Degredo

Estavam ali os objetos amorosos da noite: um óculos quebrado, um marcador de livros sem o livro, uma faca sem corte, um calendário de mil novecentos e quarenta, uma caneta vazia, uma régua até o número sete, um lápis sem a ponta. Estavam ali sobre a mesa, sobre o vidro da mesa e o fosco vidro escuro da memória. Estavam ali, como as asas sem uso de uma gaivota galega morta de manhã, nas areias de uma praia deserta, de tanto voar sob as estrelas de maio em busca das terras do sul, em busca de flores e de esmeraldas. Estavam ali, como quem diz novenas depois da missa, usados e esquecidos e, no entanto, atentos. Generosos, como foram antes, quando eram novos e luziam nas estantes da sala. Não serviam a mais nada, pois o tempo passara e nem eram mais os anos quarenta. E como eram inúteis, eram também um totem e mediam o tempo melhor do que o relógio na parede. Eram banais e aos olhos dos donos nem valiam mais nada, mas eram sagrados como outrora a palavra om. Eram como um silêncio e eram como o prenúncio do poder dos deuses e do amor que vive ainda entre os dançarinos, os saltimbancos e os meninos.

*Entre Assisi e Milão, no trem
Em algum dia de 1986*

nós

O trabalho do bicho-homem
é carregar nas costas a colheita de ontem.
É levar para outros o que caçou com outros.
Outros bichos catam, caçam e comem agora.
Só o homem semeia sempre para depois.
Os bichos são a espera.
O homem, a esperança.
O que nunca se sabe
é o que existe além das palavras.
E quando há em algum lugar
um grande silêncio
é porque um grande mistério
ali se revelou.



as flores-nós

Só as rosas nos salvam do abismo.
Só as violetas nos fazem saber
que não sendo uma delas,
somos quem pode vê-las
sentir o seu aroma
sabê-las... e amá-las.

Restou...

Restou de toda a noite, amiga
apenas este resto de poeira
No entanto, luzindo com a luz
de uma estrela lá no céu
esquecida de apagar
e ainda agora, brilhando
aqui... inteira.

Quando?

Vindo eu pela noite
como o vento
trago na trouxa da sacola
o resto do sopro de meu corpo
e o lado direito da minha alma.

Trago o segredo da semente
onde a vida se acha e se semeia
e floresce como a flor
antes da flor.

Não sei o que se sonha
quando se acorda
E, assim, nada esqueci
do que não sei.
E não sei se chamo sentimento
isso que sinto e agora
e, como eu,
vem de longe
e, como a vida,
passa com o vento.

Velhos, os vaporzeiros

vestidos de cinza cor da cinza
vigiam as águas que navegam
das montanhas altas de Minas
aos campos lentos dos Gerais
à espera de um apito ao longe
do vapor que vinha...
e não vem mais.

Deste meio alqueire

O mesmo sol que seca a terra
molha de água e sal as minhas costas
enquanto a enxada escreve a minha obra
na página em branco deste meio alqueire.
Curvado sobre a terra eu abro o sulco.
Semeio o grão. Semeio a vida.
E a vida que colho é a minha sobra.

Quem?

Quem viveu
que valha dizer:
“fui uma história!”
Quem lembra quem foi
Que valha a um outro
escrever um poema
um memorando
um álbum de imagens
ou um livro de memórias
com retratos?
Entre Júlio César e o Buda,
ninguém. Nada!
Toda a vida vivida
Vale o olvido.
Toda a memória que vale
É coletiva:
Uma gente, um povo.
Só ela cria a história.
Só ele faz do velho,
o novo.

nada

Nem uma escolha ficou.
Não ficou nada.
E nem uma palavra,
como "alma", ou como "água",
que não rima com escolha.
E não rima com nada.

Um haicai e um poemeto

o haicai

clareia
todo chão da noite
o luar da lua cheia.

o poemeto

agora não há sombras,
não ainda.
o que sombreia a noite
quando a noite
é vinda?

beira rio

Minha alma, meu silêncio
caminhas agora na beira de um rio verde
e vou contigo e te guio, passo a passo
e choveu e ventou e agora há Sol
e juntos estamos inteiros, e se somos
é este caminho quem nos diz que somos.

Borges

Lendo-o penso: o melhor
De mim é Borges.
E como no espelho bem quisera
Que, vendo-o, cego no final da vida que viveu
Os meus olhos a ele eu desse
Como a luz dos meus ele me deu.

*Escrito na última folha de Obra Poética de Jorge Luiz Borges
Livro comprado em Cambridge, em 13 de fevereiro de 1989. Lido em viagem
a Liverpool, quando pensei traduzir toda a poesia dele (o que não fiz) e
relido em 1992, entre Brión, Santiago de Compostela, Campinas, Goiânia e
outros lugares. “Depois de 21 de dezembro de 1992”*

*Poemas e fragmentos escritos em um livro em espanhol com poemas
de Pablo Neruda*

Primeiro

Alguma coisa de uma fuga imensa
Que não se vai e que arranha dentro
Algo que casa as palavras, que fundos poços
E algo que contra tudo se lança e contra todos
Como à noite fazem os prisioneiros
Contra o terror sem fim dos calabouços

Campinas/Rio a caminho de Roma em 10 de dezembro de 1985

Segundo

E estavam os objetos da noite
pregados no vidro da janela
como a lenta memória
das asas de gaivotas azuis
mortas em alto mar, longe da terra
em busca da flor das esmeraldas
e os sorrisos dos desaparecidos
na bruma da manhã.
Na densa nuvem úmida da amanhã
Onde nascem, todos os dias nascem:
Bailarinas, mágico e mortos.

Milano/Assisi, 20 de dezembro de 1985

Terceiro

Aqui, neste lugar chamado cerrado,
Sertão, onde o ilimitado espia o próprio aço
e de seu corte não reconhece onde termina,
aqui onde o cor de mil pássaros
não roça ainda o mapa de Minas,
O território marinho entre os monte
Onde qualquer caminho é princípio e fim de si mesmo,
Porque nada parte e nada chega:
Goiás, o infinito vagar entre os dias sem horas
E as noites sem fronteiras.

Quarto

E então, noite fria,
Quando imenso rouba do céu
O rosto e o nome das estrelas
Com que se orientam os poetas
Então ,eu te dizia sem desamparo
Que esta toca de flores e de ruínas
Nasceu assim nos adros de minha alma.

Nápoles/Roma, 29 de dezembro, chegando para partir.

?

Sairei hoje cedo pelo campo
poeta do verde e da chuva
respirando o ar que a manhã venta.
Responde o amigo – o do consumo:
companheiro de vida, não se iluda
o ar que você respira hoje em dia
está cheio de estrôncio noventa.

1975

(achado num caderno de viagem)



o milagre do fogo

parecem coisa tão rara
essas pedras, no entanto gastas,
de que o povo da roça
arranca fogo e fumaça,
o fogo e sua coivara
quando ele acende entre os dedos
um só cigarro de palha,
quando entre as mãos incendeiava
seu quinhão de hora vaga.

1975

(achado em um caderno de viagem)

caminhar

Sob os sapatos pretos calcava
pedaços do chão de pedra.
Andava, e de andar ordenava
o mundo por onde ia E vagava.
Caminhava em linha reta
e no entanto ia sinuoso.

E perdido entre o que pensava:
perdido entre as suas palavras.
E caminhando descobriu enfim
que o chão por onde ia é o que o salvava
de perder-se nas trilhas de si mesmo
e no emaranhado de suas teorias.
Com os pés na terra se livrava
do embaraço de seus outros gestos e manias.
Filosofava: “com os meus passos
desenho sobre o chão o meu caminho
e se caminho sei: eu ando e existo
é essa a certeza: viver e caminhar”.

*1975, em Goiás Velha
(achado em um outro caderno de viagem)*

ainda, agora

não obstante tudo
alguma coisa
ainda canta em nós.
Se é Maria ou o mar
a vida ou o vento
é bom não saber.
É bom não perguntar
e ouvir apenas
ainda, agora
enquanto há canto,
o canto e o seu cantar.

*na última página do mesmo livro,
e no final este pedaço meu:
não faz leitura
o chão do sentimento.*

Lenda

Que essa moça, virgem
E de pele entre o ocre e o açafão
Não coloque as duas mãos nos seios.
Isto ela faz a manhã quando o dia nasce
E é cedo. Não é cedo ainda.
Que à tarde ela não escorra a água dos cabelos
Sem antes ouvir dos velhos que já é tempo.
Quando ela faz assim o sol do dia anoitece
E a noite vem mais cedo, e é cedo ainda.
Que a dança da mãe lhe seja agora proibida
E que ela não pinte de azul a pele escura
E nem na cabeça coloque penas brancas.
Tudo isso apressa a primavera e é cedo agora.
O sete-estrela e o caçador ainda não se avistam
Ao pôr-do-sol e nem é a lua cheia de outubro.
Por isso, que ela não adoce o pão com mel,
Sinal dado às almas que retornem
A esses rios de águas frias. A essas terras.

voo Bogotá-México, 7 de outubro de 1999, em uma folha solta dentro de El Bosque Transparente, de Angel Crespo

Vir

Não vim de onde eu vim.
Eu vinha vindo
sem sentir e sem saber que vim.
Cheguei acaso? De onde? Quando?
E quando olhei ao redor
vi que já não estava mais ali.
E quando achei que chegava
olhei em volta e descobri
que estava agora antes
do lugar de onde eu saí.

Montes Claros
Novembro de 2008

ele

Tudo é nunca! Ele gritou
com a alta voz que aqui ninguém ouviu
e uma imagem de ocre que se via e não havia.
Como um espelho em que se olha
E vê o espelho sem o rosto
de quem nele se olhava e não se via.
E eu que escutei e não ouvia
perguntei a não sei quem:
o que ele disse? Ele disse?
E então ele me falou
(ou eu pensei que ele me disse):
não disse nada, eu nada disse
e se tudo é nunca e nunca é nada
quem você pensa que disse o que não disse,
não disse nada. Não disse e não existe!

Quem?

Quem é hoje?
perguntou um tempo... antes.
Nada é agora! Ele falou
Ninguém é sempre!
O mundo é pouco
e o já não há!
Gritou o tempo e disse ainda:
E se houve um já é sempre antes
o que apenas parece ser agora!
E só se sonha o que já foi
e o amanhã, que não existe,
é só a nuvem da sombra
do dia de anteontem!

Quem?
(de novo)

Mas antes de ser hora
o depois veio de longe
e como que ainda nem chegou
ele parou e disse assim:
nada foi e nem é!
(escutem isto)
O agora e o ontem são só sonho.
Você acorda e o que há do que havia
enquanto um sonho em você adormecia
e sonhava que você acontecia.
Existe é o que não há e vai ser quando
chegar enfim o tempo em que eu sou:
um sempre adiante!
Existe o que se espera... como a festa
e o resto é fumaça de miragem:
como o espelho sem o rosto de quem olha
a imagem do corpo de que veio
e a espera de quem vem e ainda não é,
e olha adiante e acha que existiu
e olha adiante para, então,
achar que foi!

já

Tudo é agora!
Bradou (agora) um já.
E mesmo o que eu disse já não há!
Pois dito, já se foi e foi-se embora
pra algum lugar longe
onde é só cinza o que um dia
foi madeira... agora.
Nem há o que vem, o logo, o amanhã,
a ilusão do que virá e não demora.
Mas se ainda não veio, não existe
e quem disse isto, existe acaso
e nem existe quem dirá o que não disse.
Pois há somente o instante do segundo
entre o que foi, e era e se acabou,
(e já era a hora)
e o que será e não é, e nunca é
pois quando chega... já é agora
e quando passa o agora, já não era
Ele disse, sabendo que nem ele existe.

Quando, uma hora

Há uma hora
Sem nome e sem medida
Em que tudo o que se fala
Silencia.
É quando o rio para de correr
E de dentro da casa do silêncio
Uma criança brinca de dizer: *já!*
E então o que nem era,
agora principia

vindo, de onde?

Lá de onde um dia eu vim
já não era então lugar algum.
Se era, como é que fora
um não-lugar sem começo
e sem meio e nem sem fim.
De onde eu vim não há nada
e nem o nada há lá, enfim.

Mas até lá eu fui, e indo
eu vim do que não existe?
E já que eu cheguei aqui
(mas será que o aqui existe?)
eu paro e pergunto assim:
de onde eu venho se eu não fui?
E quem sou eu que vim de lá
e cheguei sem saber de onde
e sem lembrar nada de mim?

Caminho?

Eu caminhava um caminho
que ia ao lado de um rio,
E quando foi de repente
virei uma curva, duas...
e vi que o caminho sumiu
porque o rio que havia ao lado
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei quatro vezes
e quando vi o que via
vi que o rio se terminava,
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco
ao lado de onde eu andei
havia um eu que pensava:
havia mesmo um caminho?
havia ao seu lado um rio?
Ou será que nada havia?
O rio que era, era um sonho,
o caminho nunca houve
e nem quem andava existiu?

sobraram horas

Sobraram horas, esperei por dias.
Luas de setembro, um sol de serra.
Cavalo que eu não tinha, selei embora
e viajei sertões, acendi fogos.
Do que as estrelas dizem aprendi pouco
e sobrei de ser quem fora outrora.

Grandes foram os teus dias?
Grandes as horas? Longas
e como um barco ao vento, navegas?
Do que passou resta este livro
por mesmo ti esquecido na estante
a roer-se de dor até estar branco.
Do que dele se apaga ao fim da noite
uma palavra sobra, e se não sabes,
quase ilegível ainda se lê: aurora.

e este vento que abençoa o que houve aqui

De olhar a noite eu vi que vem de ti
este orvalho, esta espera da manhã,
o sussurro de águas serenadas pela noite
e este vento que abençoa o que houve aqui.
e o que foi ontem e sobrou neste sussurro
com que te digo o que guardei nas mãos
que em teu corpo tocaram chão sagrado.
Este pequeno exercício de saber de nada
que é até onde chega quem depois de agora
vê que viajou do sono ao som do sonho
e do sonho ao rosto Sem Nome do sonhado.

Desejos

Quisera tocar-te agora
E se a isto um nome é digno,
Que ele seja: água ou algo assim.
Roçar com os dedos a alma de teu corpo
Como quem navega e chega ao porto
E descobre nela a sua casa
E os quadros na parede, o filtro, a porta
E o quintal, a lareira e o jardim.

Algumas velhas, alguns fios

Era o tempo do ouro. Era novembro.
Algumas folhas secas o vento esparramava
entre ruas sem nome e o fundo de quintais.
De onde vinha a noite algumas velhas
à luz da vela uma toalha entreteciam.
Eram de rugas as mãos, cabelos prata,
e os olhos pequenos o que eles viam?
As bocas sem dentes mal sorriam,
e se elas se olhavam, não falavam
empenhadas em tecer o que teciam.

Um suave tremor nos campos musicava
o que não sei se é pranto, salmodia,
ou fim de festa, baile ou batizado
entre pão de mel, tapioca e vinho tinto
que na dispensa guardavam e não bebiam.
Mas era delas que os traços do bordado
de sete cores e mil pontos de arte-e-linha
palmo a palmo sobre o pano aconteciam.

*inventos sobre ventos e outros eventos**sobre ventos****Um**

Ficam as pedras velhas
(demoram mais do que nós)
Mas um dia elas se moem
e dispersam em poeira
o que antes foi sólido como madeira.
E é quando, sendo o pó,
como as aves, com nós,
elas voam ao vento.

Dois

No vento a poeira voa
E o vento se vê no vôo do pó.
Poeiras ao vento, as mil estrelas
Que o sol doura na manhã de maio
Saídas de uma pedra só.

Três

venta sobre o lago
a brisa do que resta.
E o que era sono
agora é festa.

Quatro

Move o vento
as asas do moinho.
E é nas suas asas,
se movendo
que se vê o vento
e o seu caminho.

Cinco

Imóvel a floresta adormece
e acorda quando o vento vem
e roça o que era imóvel e se move.
E o que era pedra
agora é vento... também.

Seis

A lua,
quando passa de nova
a crescente,
quem é que vê?
Quem é que sente?

Sete

Traça um caranguejo
uma fina linha pela areia.
Virá a onda
e levará ao mar o caranguejo
e apagará o fio de sua linha
antes do nascer da lua cheia.

Oito

Choveu ontem
sobre a folha verde
e a folha seca.
A água apressa a cor da seca
na folha verde
e o tom da terra
na folha seca.

Nove

Venta o vento
nas folhas da figueira
e, ao movê-las
ele se vê em seu espelho.

Dez

Cai do alto a jaca
dos galhos da jaqueira.
No chão, banquete de moscas
Formigas e borboletas.

** Será que este tanto escrever sobre o vento tem as suas origens nos relatos de minha mãe e minha avó sobre os terríveis e gelados ventos sobre as areias – entre a Lagoa do Mar e o Oceano Atlântico – na pequena Vila de São José do Norte, no quase extremo Sul do Brasil? Ou será que ele me vêm da saudade dos ventos entre trilhas e pedras de montanhas por onde andei?)*



Lá no céu tem outra Estrela

Cantador de ipês
e céus de estrelas,
de candindés azuis
e amarelos.
Saltimbanco
do amor e da aventura.
Andarilho de estradas
sem destino.

O que era dor
curava com doçura.
O que era flor
deixava colorida.
Gargalhava pra ouvir
a voz da vida,
E viveu entre o poeta
e a travessura,
poetando
com palavras de profeta,
e cantando
com alma de menino.

Lá se foi como quem
chegou agora.
Colocou o que tinha
na sacola:
um violão, um sorriso
e uma viola,
um tanto de saudade
e de alegria.
E como quem viaja
pra de onde veio um dia
viajou, partiu
e foi-se embora.

Mas se você olhar
pro céu de agora
como quem busca
com a alma as estrelas
e a cada uma
sabe dar um nome,
há de ver que entre
os segredos vegetais
que habitam o que passa
e o que perdura
e que ele cantando
decifrava com voz,
silêncio e violão,
se você parar e olhar
o céu pra vê-las
com o gesto
sereno da ternura,
com o rosto de quem vê
com o coração,
e com a beleza que habita
a vida e a arte,
há de ver que entre
todas que há no céu
clareando as noites do sertão,
uma delas se chama:
Dércio Marques.

O canto, o cantar
Para titane, em Oliveira

Se a aventura de abril
me abre a voz e alma
eu calo, e canto.
Viver é bom e é risco
e eu canto é isso.

Sei de um manso vento
voando o manto do telhado
da casa que não tenho e invento.
e entre maio e o medo
é este o meu segredo.

Havia em Minas um lugar
chamado acaso, e com a mão
eu colho o que dele
é vida, enfim.
E nela eu toco minha viola
e a voz da vida afino,
e entre lá, o mi e o só
acendo o sol em mim.
Pois um dia um negro
me contou em Oliveira:
“cantar é isso, e é assim”.

E nem bem o sol
se afina e esconde
atrás do escuro, mineira
e astuta eu paro e escuto:
tudo é então, e encanta cantar,
e eu em solo me decifro
e me deslumbro de ser
e até o sal é doce
e o assombro é só
o repente do silêncio
depois que a gente canta
e sente o voar do antes.
E quem quiser partir
que me acompanhe.

Nem mel e nem triste
nem só, nem tanto
sou Ana Iris, sou Titane.
Sou quem sonhei
quando era sempre.
O som do canto que revive
a coragem de ser ainda
entre a mulher e o espanto.

*Escrito em Belo Horizonte
em algum dia de 1987.
Revisto na Rosa dos Ventos
no finzinho de 2015 – 28 anos depois*

O de repente
versão breve

para Josino do Norte

O improviso do repente
em que eu me invento
improvisa eu mesmo, de repente.
E a melodia de mim, minha viola
me toca com os dedos que são meus.
E a toada toda se enovela
e me entoa, e me entretece e me evola
e entre dedos e cordas nos tocamos
como se cantam a folha seca, o ar e o vento,
ou como o barco que se asteia a sua vela
e navega num rio que se navega.
E espera o dia a noite e a noite o dia
até quando na hora entre uma e outro
se termina e acaba o que começa
e foi caminho? foi canção ou poesia
ou o silêncio com que sonho os sonhos meus?
E onde e quando? e se foi era então o que?
E quem não sabe (e sabe que não sabe)
guarda a viola no saco e vai embora
e da curva da estrada grita: “adeus!”

A solidão

Como a semente germina a solidão.
Seu lugar é a terra. Brota do chão
e como a água, depois do que foi chuva
em silêncio chega ao corpo do só.
Vinda do chão ela entra pelos pés
e através do sangue chega à alma.
Não é no sono que vige a solidão.
O sono é de sonhos povoado
como um teatro vivo atrás dos olhos.
Na vigília ela existe, no estar aceso
de seu próprio fogo sem ruído, sem fagulhas.

A solidão caminha, ela se move.
Leva a praias desertas, a montanhas
Onde nem cabras habitam e nem deuses,
e comparte com a morte a dor da vida.
Uma ilha no mar é estar sozinho
sem ninguém mais, sequer um cão
E, no entanto, o amoroso faroleiro
antes que venha a noite, todo o dia
sobe as escadas e acende no alto a luz.

*POEMAS ENTRE O BRASIL E A ITÁLIA**E tudo agora é como antes*

Não era ainda a hora de.
Alguns flores de março são botões
e são larva entre folhas verdes
o que adiante serão borboletas
que um dia, antes das chuvas , com suas asas
de vento e seda, entre as flores voarão.

Não era a hora e tudo é a espera
e a espera é a sobra do instante
e o que não foi feito é o que se fez.
Tudo parece imóvel como a onda
que não sabe que morre quando chega à praia
e o que resta dela volta ao mar.
Mas é isto! E o que sobra de uma onda
é o que faz a outra onda e outra ainda
e é o que havendo entre uma onda e outra
é o próprio mar.

Campinas/Bassano del Grappa

Diante do Aconcagua

Os óculos escuros escondem os olhos
e, verdes, como no chão a relva rala
eles se voltam à máquina e dão as costas ao Aconcagua.
E o frio, e o vento e o desmazelo dos cabelos
que esvoaçam e o sol dos Andes doura cor de ouro.

No entanto sou eu. Minha camisa velha atesta:
“é ele quem está aqui!”
Sonhador de montanhas nunca havidas
as pernas trôpegas não escalam mais
e só o ardor da lembrança é a aventura.
Calçados de botas e desalento
os passos lentos desenham pelo chão de areia
um mapa de lugar alguém que o vento apaga.
E a memória, como um rio, esquece e guarda
tudo o que se move foi, e passa... e dura.

Campinas/Bassano del Grappa

Lembrança de um dia no Parque Nacional del Aconcágua, entre o Chile e a Argentina.

Paulo Freire

A barba branca aveluda
a pausada fala mansa
de quem escuta e então fala
o que de um outro ele ouvia
quando, ensinando, aprendia.

E os gestos das duas mãos
tão largos como na festa
volteia quem fantasia,
como bandeira de guia,
seus largos gestos de mão
chamavam pra rua e a luta
quem sua fala calava.
Quem a coragem perdia.
Quem suas mãos abaixava.
Quem seu chamado esquecia!

Um homem que pesquisava o povo

Trôpego e algo gordo, já velho
andante de sandália e poncho
ele varava de sandália a pé os Andes.
Não colhia coca e nem cebolas.
Ia sozinho de um *ayllu* a outro
em busca de uma nota:
um si, um la, um dó
da dor do povo andino
transformada entanto
em conto, uma lenda, um canto.

Nunca soube o seu nome
um boliviano que colhia rostos,
gestos, versos, mitos e memórias,
uma frase esquecida atrás da porta.
Como chamá-lo mestre?
com que nome?
Se é que a um homem assim
um nome importa.

Dom Tomás

O sorriso amplo, quase profano
traí no rosto do homem que entanto é bispo
e esconde no hábito negro do ofício
um alguém vestido como se pra festa ou a luta.
A cabeça brilha como a se uma luz
calma em um lago do Araguaia em paz
pousasse ali no começo da manhã de março
e os cabelos, ralos, são dois leves maços
de um trigo entre o grãos e a flor dourada.
Sorri manso como quem consagra à mesa.
ao redor do café e um pão de queijo
o corpo e o sangue de um Cristo que apregoa
entre palavras de cruz, enxada e foice.

A velha em Goiás

Cantava como quem sabe que hoje é o dia.
Como quem na dança esquece o passo
e entanto bailava como quem soletra
um alfabeto entre o lá o fá e o si.
Tinha na cabeça um lenço, ele era branco,
e os cabelos escondia como um manto.
Tropeçava nos seus passos e então voava
e ao vento ia e lá do alto de longe ela acenava.
E quando sumiu no céu diziam: “era um anjo!”
E era só uma velha que bailava, e se esquecia.

Nos Alpes

Entre o gelo do chão
cresce uma flor.
Onde não há gelo
o chão é verde
E há uma flor.
Azul, o céu copia
o tom azul sua flor.
Um pinheiro em maio
acolhe um corvo
e o corvo come um fruto.
Se a noite chega e a lua,
senta viajante,
e acolhe a noite
como a flor e o corvo.

Quando?

O agora espera
Quando a sua hora?
Quando a espera
aspira ser passado?
Quando o que passa
espera ser presente?
Quando o que foi
anseia ser de novo?
Quando o que é novo
aspira ser o antes?
E quando o antes
foi nunca... e foi embora?

A moça, as mãos

Afagava com as mãos
a mão de um outro
e com os olhos
olhava um outro rosto.
Havia ali o afago,
o acaso ou a dor?
Eram toques de nada,
um beijo, o breve
roçar com os lábios
a alma ou o corpo
e entre silêncios dizer
duas palavras como:
“água” ou “amor.”



Na noite, um bacurau

A alma se esconde atrás da árvore
e no chão semeia o açafraão.
Um menino empina um papagaio
E foi por isso que ventava então.
Há no vento um certo ar de antes
e quem voa em abril não são os pássaros
e nem são folha. Voa o papagaio
e mais sete palavras de uma prece
silenciadas na capela de São João.
Uma igreja de pedras, restaurada
entre restos de velas e de óleos,
e de santos cujo rosto o tempo apaga
enquanto fora a tarde anoitecia.
O papagaio numa árvore se aquietava
O menino não sabia se chorava
e um bacurau piava e outro calava
e o já era a noite anoitecia
enquanto a noite o dia anunciava.

A água e a terra

Separa no viver
a água e a terra.
Uma é a que guarda
a vida que te resta.
Outra é para onde vais
quanto ela já não bebe
a vida que há na água,
e seca ela se esvai
e, areia, ela te esquece.

Agora aqui acabam as escolhas

Por um instante pra na trilha. Para.
E antes de entrar floresta adentro
aprende que o sol claro da manhã de outono
será ralo agora no chão de sombras.
Por aí entras como quem sabe
Em que estranha paragem se mergulha.
Pisas a terra, folhas secas e gravetos
E quando em abril, algumas flores de paineira
caídas do alto antes das painas brancas.
Para quem vem de um campo aberto
a floresta seja como a catedral.
Tira o chapéu, pisa leve e a passo lento
pois aqui se acabam as escolhas.
Como na nave tens uma trilha só
e fora dela o que te espera. Sabes?
E entanto, que caminhes, navegante
como quem, sem saber onde é o porto
escolhe um rumo, e vai.

Campinas/Bassano del Grappa

A mata, a trilha

Um graveto, alguns seixos, folhas secas de junho
e no alto um ninho. De que pássaro? Um Sabiá? Uma Saíra?
Este é o caminho, perguntas ao vento
e à volta olhas como quem indaga o rumo
a paus e a pedras e não, no alto, às estrelas.
A noite cai e temes o silêncio
e o Cruzeiro do Sul a nuvem cobre
mas não o canto do Urutau à Lua.
Temes a noite e o vento sentes passando a mão no rosto.
Ele te roça antes de mover moinhos.
A noite chega. Parte! É cedo ainda.
E, Quixote sem Sancho, vais sozinho.

Campinas/Bassano del Grappa

Na margem esquerda do São Francisco

Apenas rotas, duas cruzes de madeira
tortas, e que uma outra enchente há de levar
dizem a quem chega a estas margens
de um rio agora calma em julho e quase azul
que aqui há mortos, barranqueiros.

Não há lápides, degraus de cimento ou nomes
e os que lembram os daqui também se foram.
E agora, quem passa por aqui
a caminho do rio, da canoa ou da ilha
Lembra os nomes de árvores, de barcos, de destinos
E pisa um chão aonde um morto dorme.

*Voo São Paulo/Amsterdam-Bassano del Grappa
Lembranças de Barra do Pacui*

O vento, a casa

Primeiro passou em tua casa
Este vento que agora vai e varre
a lombada do morro e o capim gordura.
Florido em março ele balança, e a dança
do vento abençoa o que embala
bailarino entre a noite e esta manhã
De tua casa o vento trouxe aqui
um certo odor de café, de menta ,de hortelã.
E para um momento, e atento escuta
O passar do vento que te ensina
que como o vento a vida é tudo, menos vã.

Campinas/Bassano del Grappa

Lá, aqui

Havia um vento.
E ele ventava “lá”,
Longe daqui.
Mas o vento
que ventava
ventava “aqui”
pra quem está “lá”.

A noite inteira
ventou o vento
que ventava “lá”,
longe daqui.
Mas veio o dia
e o vento
que ventava “lá”
veio de lá
e venta aqui.

Mas alguém “lá”
onde ventou o vento
agora pensa:
está ventando lá
o vento que ventava
aqui!

Campinas/Balssano di Grappa

Agora seca, ainda jorrasse

Era ontem. E era como se a fonte
agora seca, ainda jorrasse
a sua água cor de nuvem, cor de prata.
E fresca, como se saindo agora
Do coração da terra adormecida.
Seca a fonte deixou entre os teus dedos
esta aragem de maio, arte de ocasos
que o vento seca entre os teus dedos.
Pensa agora em quem fecha os olhos
E com sede sonha a tua água,

Vôo São Paulo/Amsterdam-Bassano del Grappa

Ali, no chão

Pequenina cidade
perdida na noite do sertão.
Que nome tens
que eu não sei.
É aqui do alto
que nome de estrela
eu te daria,
porque és a clara luz
do céu no chão

*voo São Paulo/Amsterdam-Bassano del Grappa
passando depois de Montes Claros*

como quem sempre adiante busca

Tu que podemos dizer
com um gesto da mão” “aqui é a casa.
no entanto, como quem sempre adiante busca
o inominado, consultas em silêncio
um caramujo com que se ouve o mar
e embora conduzas sete peregrinos
fugitivos como tu, da Terra
caminhas como um só
e se olhas os céus, o que buscas
errante, entre as estrelas?

no mesmo voo/Bassano del Grappa

nos Ancares

Um bando branco de carneiros
Salpicava no campo a sua neve.
Lã que os homens em setembro colhem
Eles pastam longe do temor do lobo.
Um cão ovelheiro a tudo atento
permite que o pastor flauteie a flauta.
Esta cena tão grega, tão judia
aqui, entre as montanhas dos Ancares.

*O mesmo vôo, sobrevoando montanhas da Galícia
Que somente poderiam ser Os Ancares/Bassano del Grappa*

como em Itatiaia

O amor que te tenho me entristece
e entre triste e sereno te recordo.
E nem no vento que me passou antes
eu relembro em tuas margens
regato que foi meu, a minha infância.
E agora longe um rumor seja tudo
O que de ti restou e vai comigo.
Não sei se do vento ainda, se da alma
Não sei se no chão que piso agora,
estrada que em outro tempo te margeia
o teu passar de águas rumoreja.

*Voo entre São Paulo e Amsterdam
Relendo Salvatore Quasimodo
Bassano di Grappa*

nas serenas coisas

E eu me recolho agora nas serenas coisas
que da estrada não vê quem passa desatento:
o roçar no braço deste vento
o desenho momentâneo dos cabelos
quase uma brisa que balança o mato
serena brisa, mas que vai comigo
e veio antes de mim e me esperava
como quem diz: “daqui seguimos juntos”.
E há um certo perfume da manhã
que não é de flor, de rosa alguma
mas que como a mão de um pai distante
e me abraça e é quem me guia agora.
A que odor de coisas rústicas: a terra úmida,
a bosta da vaca, o hálito da horta
evoca como um bafo este instante?
E longe, o rumorejo de um mínimo regato
que daqui não vejo, mas escuto
e ele me canta como quem embala.
E eu não sei mais se a criança ou se um velho
se dão as mãos, se riem e vão embora.
Mas, quem está aqui? Quem veio
e é agora o velho de antes ou a criança?
Pois quem eu seja, come caqui e suja o rosto
Ensaia no chão a cambalhota
e se embala como o vento no balanço.

No mesmo voo, lendo o mesmo livro/Bassano di Grappa

Dar

Tudo é meu!
À condição de que eu não tenha nada.
Se não levo comigo baú algum
Ou deva juntar em uma mala
Os trastes que me pesam do que tenho
E não uso, e não são meus portanto.
Se nada tenho e comigo levo nada
Terei livres as mãos, os braços soltos
De que caminha sem o peso da posse
E senhor de coisa alguma é pastor sol,
Do rebanho do vento na montanha
Do cantar dos pássaros, do florir da malva
Do olhar do outro, meu próximo, meu irmão
E se aponto para ele o céu à noite
Ele me diz: são nossas todas as estrelas
Porque não são tuas e nem de ninguém.

Samaritanos somos um do outro
E nos curamos da dor, do sofrimento
E, livre como eu, ele me obriga ao amor
E do amor à dádiva, e entre nós trocamos
O que somos e o que não temos.
Abro o alforje, a bolsa, a alma
E na estrada compartimos o pão e o vinho,
E um gole d'água e três canções
E o som do silêncio e o do olhar
E uma palavra que ele me diz
E em minha língua eu não entendo.

E ele sorri E nos falamos
Entre gestos com que os homens se abraçam
E comungam o sonho de se encontrar
No espelho do olhar de um outro.

Depois seguimos cada um o seu caminho.
Sozinhos não estamos mais agora,
Pois caminhando cada um em sua estrada
O ser o outro caminha ao nosso lado.

Basano del Grappa

*Poemas escritos no México***um**

Assim eles foram
os que vieram
vindo de onde?
Os que se foram.
Saíram cedo
e silenciosos
de tal maneira
que havendo ido
parece que nunca
haviam partido

dois

De tanto pensar
e se pensar pensando,
de tanto ser pensado
um pensamento
esqueceu um dia de manhã
todas as palavras.
E então, feliz e assustado
Ele se pensou sem elas
e ao se pensar sem nada
descobriu que o pensar
pode ser uma casa grande
sem parede, sem teto e sem telhado
uma casa de portas só abertas
e de vento, de caminhos e janelas.

três

sonhei que quando
alguém sonhava
era eu quem sonhava
no seu sonho
como alguém desconhecido
e já amigo.

E quando sonho
o sonho que eu sonhava
no fundo do sono do meu sonho
lá dentro do meu sonho havia
alguém que no seu sono dorme
e quando no sono sonha,
sonha comigo?

POEMAS ESCRITOS NA ILHA***Lendo Borges***

Quando um floco de neve
Caiu no ombro
Pensei: podia ser agora
A hora em que, branco desta alvura
Eu morro, parto e vou embora
Sem saber se volto à terra escura
Ou se algo de mim
De mim se evade
E como a neve
sobe a alguma altura.

Sobre ser, existir

Sinto tanto a falta
De quem nunca veio.
Sentiria a mesmo
se estivesse aqui
aquele que espero
e seu nome esqueço?

Lembro com ternura
o que nunca vi.
Lembraria tanto
se houvesse visto?

Escrevo o que escrevo
porque já esqueci,
e assim sendo sou
porque me escrevi.

Sou porque me esqueço.
E seria eu mesmo
se pensar que sou
este que não sei
e, entanto, me assiste?

Então quem me pensa
quando eu, esquecido
na memória de um outro
sonho ser, e existo?

Sobre existir, ser

Saberia eu já
(se já não soubesse)
Que eu sou aquele
que me sendo, esquece?

E quando me esquece
sobra de mim só
atoalha branca
que a memória tece.

E se escrevo isto
como quem se lesse
já não sei se o escrito
é poema, ou prece.



*Lendo Fernando Pessoa
(e re-escrevendo)*

O poeta é um fingidor
(um fingidor inocente).
Finge tanto, e inutilmente
Que escreve pra não esquecer
A dor que, esquecida,
Sente.

A noite, o dia

O milagre da manhã
quando ainda é noite
ou isto a que chamamos:
madrugada,
é o haver de novo a luz
no rosto escuro
da noite escura que acesa,
acaba.

Assim como o milagre
do crepúsculo
é o lento descer
do céu ai chão
o escuro manto
bordado de estrelas
a que damos este nome:
escuridão.

Lendo Nietzsche
(via Rubem Alves)

Um

*O condenado
saboreia uma maçã.
Prazer supremo, agora.
E amanhã?
O amanhã não há
e espera é vã.
Existe para ele o agora
aqui, e mais esta maçã.*

Dois

*Morango.
Se eu te como
pendurado neste abismo
é porque antes da queda
sou eterno... nisto.*

Rubem Alves

Às vezes
sentir o sentimento
é tanto,
que pensar
então o pensamento
é como olhar
as horas de um relógio
para medir
o gosto de um momento.

*Um lavrador***um**

Não empunhei espadas.
Não fui guerreiro.
Não feri corpos.
Não salvei pátrias
e nem tenho o peito
coberto de medalhas.

Abri sulcos na terra
com a enxada.
Semeei no sulco a vida.
Cuidei do que plantei
E orei por chuva.
Colhi o fruto da colheita
e essas foram e são
minhas batalhas.

dois

Feita a colheita
do mês de maio
do que plantei
não sobrou nada.
Nunca foi tão fértil
o que eu colhi
do que plantei
com a minha enxada.

*Haikas e pequenos poemas**Um*

Voando na poeira
veio com o vento
a folha seca da figueira.

Dois

Sabe o sábado
que ontem era
sexta-feira?

Três

Com o vento
voa a folha da figueira.
Caída no chão
Ela sonha ser poeira?

Quatro

Era noite
quando a noite veio agora.
É noite ainda
quando a noite foi embora.

Eu/nós

Eu só me ouço
quando te escuto.
Eu só me vejo
se te contemplo
amigo, amigo.
eu só me sei
quando te sei
e só me entrevejo
o ser que eu sou
quando me dizes,
quando me falas
o que de mim sabes
e eu não.

eu não me penso
quando me penso
e só me penso
quando me pensas
quando eu te penso
para sabermos
quem somos nós.

Tu só te ouves
Se te contemplo
Quando me ouves.
Se te contemplo
é quando te vês
Somente te sabes
quando de mim sabes
o que aprendes
E só compreendes
o ser que és
quando eu te digo
o que de ti sei.

E assim sendo, nós
só nos sabemos
quando escutamos
do outro a voz.

A vida perene

Espanto.
No fim do inverno
a folha seca
é só o que vive.

Tudo muda!
(na praça de Pátzcuaro)

Tudo muda – dizia a índia
enquanto apumava nos ombros
o rebozo negro e azul.
Passavam carros, falavam celulares
e as bancas nas ruas e na praça vendiam
pilhas de rádio e raridades eletrônicas
para corpos e almas movidas a bits.
Tudo move, e tudo se movia
enquanto ela, como quem olha ontem
ajeitava sobre a manta branca
panos escuros de um tear antigo.

a outra lenda de narciso

Entre todas as do bosque
uma ninfa não conheceu Narciso.
De ouvir as outras contaram
a sua beleza inigualável
a ninfa se enamorou, perdida
por uma imagem nunca vista.

E às outras ninfas perguntava
como ele era, Narciso.
E as ninfas respondiam:
“eu não te posso dizer
porque Narciso é a imagem
que eu carrego comigo”.

Então a ninfa se foi
às águas da fonte suplicar:
“me digam como era Narciso
que no espelho destas água
vinha se ver refletido”.

Narciso? Quem ele era?
Como era esse quem: Narciso?
Pois tudo o que vimos aqui
até quando o espelho se foi
eram as águas claras que somos
em dois olhos refletidas.

Huecório

(releitura de um poema escrito em Pátzcuaro, em 1967)

Como se fosse a pedra sobre a pedra
E sobre a pedra a pedra, a pedra pura.
Como sendo em pedra a pedra e o campo
E a casa, e em pedra a rua e o muro
E de pedra a noite, o vento e a lua
E o dobrar do milho ao tempo a pele dura,
E como fosse sobre a pedra a pedra
E de pedra a cama e o lençol e a sepultura
O que faz deste pueblo um povo em luta
Contra a pedra e de pedra a arma e a armadura
De pedra corpo e em pedra a alma e a sina
De lutar com ela ou contra a pedra,
Quebrar a pedra e de pedra erguer o muro
Quebrar a pedra e entre pedras por a planta
Somar-se à pedra e nela haver a vida.
Como se fosse a vida a pedra sob a pedra
E sobre a pedra a pedra, a pedra pura.

Pátzcuaro

agosto de 2009

QUANDO

Quando o ínfimo-tudo explodiu e a sua luz iluminou o rosto do nada

uma quase eternidade antes de agora já na flecha do tempo estava desenhada aqui, onde depois de mil e milhões de milênios veio a mover-se ao redor de uma pequena estrela a poeira de um minúsculo planeta a que bem mais tarde em nossa língua demos o nome de Terra.

Já estavam esboçados então a textura dura e cinza da pedra, o fogo interior do vulcão, os abismos escuros do mar, a cor amarela da flor do ipê, a fruta branca por dentro do cupuaçu, a multicolor das asas da saíra, o andar ondulado da sucuri, o cair da chuva dos janeiros, a algazarra dos macacos-prego, os primeiros passos trôpegos de quem veio a ser “o homem”, o formato do rosto e a cor dos olhos de você, que agora lê isto.

O vento agora

Quando veio era a noite.
Se houve um vento, como?
E se era um nome, não disse.
Se um rosto, não se viu.
A um canto sentou e era só
e na mesa não acendeu a vela.
Não havia o que ver entre as mãos.
E olhava pela janela, um longe olhar
de que procura ontem o já havido.
Sofria? Quem soube? Olhava o longe
além do mar e além, além da noite.
Não comeu nada e nem bebia
da cerveja amarga e espessa, quase escura.
Como veio, foi. E fora a bruma
apagou a sombra de seu corpo.
Veio mesmo? Esteve aqui. Era um homem?
Tomamos a cerveja e esquecemos.
Não sei. Quem soube? Quem sabia?

vindo, de onde?

Lá de onde um dia eu vim
já não era então lugar algum.
Se era, como é que fora
um não-lugar sem começo
e sem meio e nem sem fim.
De onde eu vim não há nada
e nem o nada há lá, enfim.

Mas até lá eu fui, e indo
eu vim do que não existe?
E já que eu cheguei aqui
(mas será que o aqui existe?)
eu paro e pergunto assim:
de onde eu venho se eu não fui?
E quem sou eu que vim de lá
e cheguei sem saber de onde
e sem lembrar nada de mim?

Tita

Com os dedos curtos,
pelos gelos das pedras dos Alpes
e pelo correr de seu fio de anos
em sua casa em Cole Santa Lucia
o velho Tita, guia dos montes altos
apontava ora quadros e fotos na parede
ora imagens a cores em um livro aberto sobre a mesa.
E como um mago que batiza o mundo
ele desenhava alturas e vias e me segredava
alguns nomes de montanhas.

Pela primeira vez os Montes Dolomitas
ganhavam nomes em mim e, como eles, tinham vida.
O velho alpinista que conhecia cada cume gelado
como as árvores de um quintal de casa
mostrava a linha vermelha da via de escalada
em cada monte de cada pagina do livro.

Mas humilde, como quem antes foi pastor de ovelhas
entre vales e picos de Val di Paste
não narrava os seus feitos. Calava e narrava proezas
como se eu mesmo nelas tivesse ido.
E com o dedo apontava lances de perigo, abismos,
como quem ensina como se pastoreias.
aos treze anos esqueceu de crescer
ele domou alturas e guiou ao alto pessoas atadas em cordas
e chegou em silêncio, como em missa de domingo
ao mais alto onde o corpo de um homem dos Alpes
com uma alma como a sua poderia chegar.

UM RIO COMO UM PÁSSARO

Para Frei Cappio

Como um pássaro um rio

Como um pássaro um rio viaja.
 Como um pássaro ele voa a sua viagem.
 Como um pássaro ele voa e vê o mundo
 como quem lembra a casa onde mora.
 Mas o pássaro pousa quando cansa
 e um rio só descansa quando morre.

Alguns sinais do tempo

Às vezes de um lado ou de outro das margens
 que me são como as beiras de minhas asas
 eu vejo luzes mais do que em outros dias,
 e o estrondo com que os povos das cidades
 por onde passo, clareiam a noite de suas festas.
 Eles celebram o passar dos dias e os seus santos
 e contam uma centena do que chamam “um ano”
 como se fosse um longo, um incontável tempo.
 Como dizer a eles que todo aquele tempo é: agora?

Pois muito antes da era em que chegaram às matas
 que vestiam de verdes os caminhos de meu vôo,
 os primeiros homens de outras peles, preces, cantos
 e outros deuses e motivos de acender fogos e cantar,
 já então eu era e deslizava as minhas águas claras
 por terras cobertas de verde e vazias de nomes.
 Aquilo foi quando os primeiros sinais da vida
 deixavam o selo do andar de seres em minhas areias,
 e não havia ainda a marca dos pés dos homens.

Foi então quando

Foi então quando as minhas águas ouviram vozes,
 e aprendi sem pressa que um outro povo da vida
 havia chegado. E foi então um outro tempo.
 Vieram de longe os que se cobrem de peles
 e edificam de madeira, barro e pedra o lugar

onde fazem o amor e acalentam os filhos.
 Entre o tempo das chuvas e o dos ares secos,
 quantas águas terei levado do sertão ao sal do mar
 até quando chegaram a essas terras os homens
 as mulheres e as crias de outros povos.
 Os que a mim me deram com as suas falas,
 tão diversas do cantar das aves e do vento,
 este nome que soa como chuva na palha: *Opará?*
 Convivemos muitas eras como quem navega
 e quem acolhe quem aprendeu a navegar.
 Eles flutuaram madeiras em minhas águas
 e as entre as ilhas de meu leito viajavam sem medo.
 Pescavam os meus peixes e os comiam, poucos,
 à volta de fogos, falando de frutos e de deuses.
 Vinham os seus filhos e mergulhavam em minha água
 como quem abre a porta da frente e entra em casa.
 Foram eras felizes e pensei que para sempre
 eu poderia abrigar os homens como as aves.

Então chegaram outros

Não reconheci como seres da vida, como homens
 os que vieram depois e chegaram aqui um dia.
 Vinham vestidos de roupas e de estrondos
 e calçavam aços com que feriam minhas areias
 acostumadas aos pés nus de moças de pela escura
 e aos corpos suaves, com que de vez em quando
 um homem e uma mulher gemiam de prazer
 e depois se lavavam em águas, como um rito.
 Os homens de pele clara rasgaram caminhos
 e aprenderam a queimar o verde de meus matos
 e a lidar comigo como quem doma um inimigo.
 O meu nome trocaram por este: *São Francisco*.
 E custei a compreender porque me chamavam
 com o nome de um homem de outras falas
 que se viesse a mim me tomaria como um irmão.

Foram os tempos do fogo e do desatino.
 Grandes barcos ruidosos cortavam o meu silêncio
 e o que não cabia em suas casas de ferro e barro
 eles atiravam na minha, pois um rio é um vôo e um lar.
 E aprenderam com o tempo a reter as minhas águas.
 E os sertões por onde viajo viraram grandes lagos,

enquanto as lagoas de minha terceira margem
 onde os peixes geravam suas crias e a vida das águas
 começaram a secar como um céu do mês de agosto.
 Um rio não se doma, eu quis dizer aos novos homens,
 mas eles não aprenderam com os povos que mataram
 com artifícios de ferros, fogos e de fome,
 a calar ante as minhas águas e ouvir a minha voz.

Tudo o que nasce deve morrer um dia.
 Uma ave voa e um dia morre e é breve o seu vôo.
 Voa um rio um tempo que nem mesmo os deuses contam
 E eu imaginava navegar as minhas águas
 e as águas dos rios que chegam comigo ao mar
 por muitos dias e muitas eras de sol e chuva ainda.

Mas entre as pedras eu sinto que me findo aos poucos
 entre cada janeiro de minhas águas cheias
 e os julhos frios dos meu dias secos.
 E os que me tratam com o furor de máquinas
 como quem veio até mim em sua guerra
 querem agora fazer de meu leito rios de finge.
 Águas de mentira roubadas de meu vôo
 e levadas do seco ao que é mais seco ainda.

Como dizer aos homens agora?

Como dizer aos que mentem a mim e aos outros,
 que se há tantas mulheres tristes e meninas magras
 aos dois lados de meu caminho noite adentro,
 como esperar que de um rio cavado a esmo
 haja no deserto farturas de vida, trigo e uvas?
 Aprendi com o tempo e o passar dos homens
 que quando há fome entre os povos que me cercam
 não é porque a terra e as águas sejam avarentas.
 Outros povos viveram aqui e a todos eu nutri
 e assim também as terras virgens do sertão,
 como um pai nutre um filho, e um irmão a outro irmão.
 Se há fome, é porque alguns roubam o que é de todos:
 minha vida, os meus peixes, minhas águas e meu voo.

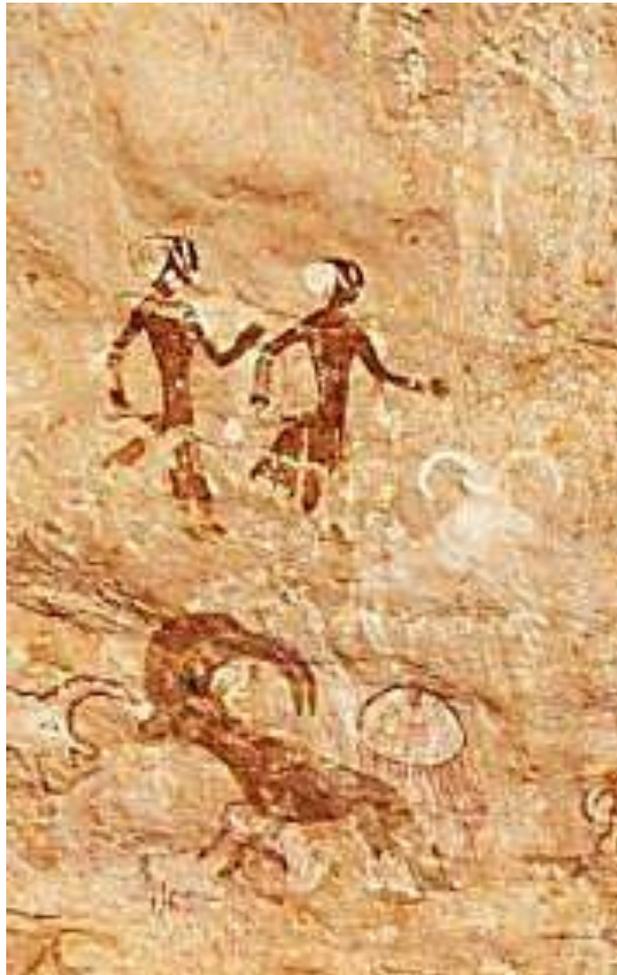
Um rio se ama e não se doma, como não se para um voo
 a não ser com a arma que fere a ave e mata o voo.
 Vivo ainda, e entre os barros e os azuis de meus dias

espero que venha de novo o dia em que o verde
e o frescor da vida das árvores de mil nomes
repopoe de flores, de frutas e de bichos
os dois lados do caminho por onde eu vou ao mar.

Vivo de saber do amor daqueles a quem amo
e que imagino serem como o homem, Francisco,
que cantava o sol e o vento, a água e a fêmea,
e que com as mãos nuas beberia de minhas águas
e também a mim, um rio, me chamaria: irmão.

Noite de Natal em 2008
Carlos Rodrigues Brandão





Este livro nunca impresso faz parte da série FOLHAS AO VENTO.

Ele pode ser acessado, copiado, lido e utilizado devidamente, de forma livre, gratuita e solidária.

Outros escritos meus, entre livros e artigos, podem ser também livre e gratuitamente encontrados e acessados

em: www.apartilhadavida.com.br

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

